

Os escritores africanos têm muito a dar: entrevista com o escritor guineense Amadú Dafé

Rosa Rodrigues*

 <https://orcid.org/0000-0002-0408-7831>

Resumo: Em junho de 2019, o escritor guineense Amadú Dafé passou por duas cidades universitárias alemãs para apresentar as suas obras *Magarias* (2017) e *Ussu de Bissau* (2019). A itinerância literária foi promovida pelos Leitorados do Instituto Camões das Universidades de Heidelberg e Leipzig. Amadú Dafé, numa entrevista com Rosa Rodrigues, a Leitora da Universidade de Heidelberg, fala sobre os seus primeiros dois romances e o seu fascínio pelas histórias tradicionais que ele ouvia contar em criança, histórias sobre feiticeiros, *djambakus*, *pauteros* e *irans*, e que o inspiraram a escrever os primeiros contos. Após cinco anos no exterior, viu colidir a própria cultura “com uma realidade externa, que fraturou a sintonia entre a minha cultura e a minha consciência”, conforme diz na entrevista, e que o levou a ultrapassar uma fronteira significativa e enveredar num caminho que o estão a tornar num contador de histórias. Ambos os livros passam-se num mundo extraordinário, pouco acessível a um leitor europeu, caracterizado por uma diversidade e multiplicidade de culturas – instituições tradicionais, régulos, famílias, cerimónias, línguas comuns – transversais aos territórios estaduais, criados pelos europeus na segunda metade do século XIX. “A minha vinda para Europa ajudou-me, inclusivamente, a conhecer melhor a minha própria realidade”, diz o escritor Amadú Dafé, que sente uma grande paixão pela língua portuguesa, embora a sua “língua materna (corrente e transversal entre todos) na Guiné seja o crioulo – além dos idiomas étnicos que também são falados nos círculos familiares – e o sistema do ensino é fraco, não permitindo a nenhum guineense, com base apenas no que aprende nas escolas públicas, ter algum domínio do português.” Por haver ainda poucas obras em prosa, é difícil dizer quais são as especificidades da literatura guineense, mas dentro do “contexto globalizado e dos temas do mundo, os escritores africanos têm muito a dar: desde exposições sobre a corrupção, teorias de conspiração que envolvem organismos multinacionais e internacionais, os novos modelos de domínio e subjugação que vieram substituir a colonização, as alterações climáticas e seus impactos, a preservação de espécies e do ambiente, e por aí.”

Palavras-chave: Literatura; Escritor; Cultura; África; Guiné-Bissau

Scritoris africanos tene tchiu pa da: intrevista ku skritor guineense Amadu Dafe

* é tradutora e professora na Universidade de Heidelberg, Alemanha. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Românicas e Economia e doutorou-se em 2015 com uma tese sobre terminologia portuguesa. De 1997 a 2002, trabalhou como jornalista editorial numa revista destinada ao mercado de produtos biológicos. Desde 2003, é representante do Instituto Camões na Universidade de Heidelberg. Desde 2019, tem-se especializado na literatura guineense e realizado várias atividades científico-culturais e letivas relacionadas com a Guiné-Bissau, entre as quais duas sessões literárias em 2019 e em 2021 com os escritores guineenses Abdulai Silá e Amadú Dafé. Traduziu para alemão um dos romances do Abdulai Silá, publicado na editora Leipziger Literaturverlag em fevereiro de 2021, e o guia turístico “À Descoberta de Guiné-Bissau” da associação Afectos com Letras, que está previsto sair em alemão em 2022. Tem vários outros projetos de tradução na gaveta, entre os quais o novo romance *Jasmim* de Amadú Dafé, o livro *Geração Nova* de Tiniguena da associação guineense Tiniguena e uma coletânea bilingue com contos de escritores luso-africanos. E-mail: rosa.rodrigues@t-online.de

Rizumu:¹ Na junho di 2019, skritor guinensi Amadú Dafé pasa pa dus cidadis di universidadi di Alemanha pa apresenta si dus obras *Magarias* (2017) ku Ussu di Bissau (2019). Eventu promovidu pa leiduris di institutu Camões di Universidadis di Heidelberg ku Leipzig. Amadú Dafé, na intrivista ku Rosa Rodrigues, Leidur di Universidadis di Heidelberg, i fala sobri si purmerus dus romansis ku manera ki gosta di historias di tradison ki ta obi ba odjal mininu, historias di futserus, djambakus, pauterus ku irans, i kilas ku fasil skirvi purmerus kontus. Dipus di sinku anus fora di si tera i compara si kultura ku “manera di vivi di djintis di fora i odja ligason entri si kultura ku si pensamentu”, suma ki fala na intrivista, kila ku djudal na torna un bon kontadur di historias. Tudu dus livrus pasa na un mundo ki un bocadinhu fasil pa um leidur europeu, pabia i tene manga di culturas diferentis – lugaris di tradison, regulus, familias, sirmonias, linguas ku tudo djintis kungsi, - ku pertensi teritorius europeus i kiriadu pa elis na metadi di seculu XIX. “Nha bin pa Europa djudan na kungsi mindjor nha realidadi” Amadú Danfé fala i gosta tchiu de lingua portuguis, “embora si lingua ki aprendi desdi ki padidu i kriol – fora di linguas di si etnias ku ta papiadu na si familias – i manera di sina fraku ki kata djuda pa nin un guinensi pudi portuguis diritu so ku ke ki ta sinadu na skola di stadu”. Suma i ten inda pukus obras di *prosa* i dificil fala kal ki arias di literatura guinensi, ma si bu djubi pa “forma geral buta nota kuma skirbiduris guinensis tene tchiu kussa pa da: Desdi si forma di skirbi sobri kurupson, tiorias di kurumpi ku organizasons de utros paisis ta sta, asin suma nobus maneras ki toma lugar di colonizason, mudansa di clima ku kusas ku ita kausa pa djuda privini rasas di limarias ku ambienti, ku utros kusas.”

Palabras - tchabis: Literatura; Skirbiduris; Afrika; Guiné-Bissau.

Afrikanische Schriftsteller haben viel zu geben: Interview mit dem guineischen Schriftsteller Amadú Dafé

Zusammenfassung: Im Juni 2019 besuchte der guineische Schriftsteller Amadú Dafé zwei deutsche Universitätsstädte, um seine Werke *Magarias* (2017) und *Ussu de Bissau* (2019) vorzustellen. Die Lesereise wurde vom portugiesischen Camões-Institut gefördert und von den Vertretungen der Universitäten Heidelberg und Leipzig durchgeführt. In einem Interview mit Rosa Rodrigues, Dozentin an der Universität Heidelberg, spricht Amadú Dafé über seine ersten beiden Romane und seine Faszination für traditionelle Geschichten, die er als Kind hörte, Geschichten über Zauberer, *Djambakus*, *Pauteros* und *Irans*. Sie inspirierten ihn dazu, seine ersten Erzählungen zu schreiben. Nach fünf Jahren im Ausland machte er die Erfahrung, wie seine eigene Kultur mit einer anderen Realität kollidiert, wodurch die Harmonie zwischen seiner Kultur und dem eigenen Bewusstsein gebrochen wurde, wie er im Interview sagt. Diese Erfahrung habe ihn dazu gebracht, eine Grenze zu überschreiten und einen Weg einzuschlagen, der ihn zum Geschichtenerzähler macht. Beide Bücher spielen in einer außergewöhnlichen, dem europäischen Leser kaum zugänglichen Welt, geprägt von einem multikulturellen Reichtum – traditionellen Institutionen, *Régulos*, Familien, Zeremonien, gemeinsamen Sprachen – die sich quer zu den, von den Europäern in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts geschaffenen, Staatsgebieten ziehen. „Meine Ankunft in Europa hat mir geholfen, meine eigene Realität besser zu verstehen“, sagt der Schriftsteller Amadú Dafé, der eine große Leidenschaft für die portugiesische Sprache empfindet, obwohl seine Muttersprache das in Guinea-Bissau allgemein verwendete Kreolisch bzw. Guineisch ist – zusätzlich zu den ethnischen Sprachen, die im Kreis der Familie gesprochen werden. Das Bildungssystem sei allerdings schwach und erlaube niemandem, allein auf der Basis dessen, was man in öffentlichen Schulen lernt, Portugiesisch zu beherrschen. Da es noch wenige Prosawerke gibt, ist es schwer zu sagen, was die Besonderheiten der guineischen Literatur sind, aber im Kontext der Globalisierung und den Themen der Welt haben afrikanische Schriftsteller*innen viel

¹ Tradução da Profa. Cátia Manuel.

zu bieten: von Enthüllungen über Korruption, Theorien über die Konspiration multinationalen und internationalen Organisationen, über neue Modelle von Herrschaft und Unterwerfung, die an die Stelle der Kolonisierung getreten sind, bis hin zur Erhaltung der Arten und Umwelt, den Auswirkungen des Klimawandels und vieles mehr.

Schlüsselwörter: Literatur; Schriftsteller; Kultur; Afrika; Guinea-Bissau

Entrevista

Em junho de 2019, o escritor guineense Amadú Dafé passou por duas cidades universitárias alemãs para apresentar as suas obras *Magarias* (2017) e *Ussu de Bissau* (2019). A itinerância literária foi promovida pelos Leitorados do Instituto Camões das Universidades de Heidelberg e Leipzig. Amadú Dafé numa entrevista com Rosa Rodrigues da Universidade de Heidelberg.

Publicaste dois livros. O primeiro *Magarias* em 2017, o segundo *Ussu de Bissau* em 2019. São livros muito diferentes – tanto em relação à linguagem, ao estilo, à estrutura como em relação ao tema. Perseguem objetivos muito diferentes. Importas-te de nos dar uma breve descrição de ambos os projetos?

De facto, as duas obras são diferentes, quer em relação ao estilo e à linguagem como em relação ao tema à estrutura – uma, *Magarias*, é mais anedótica, mística, poética e, de alguma forma, abstrata. Já *Ussu* é corrida, descritiva e dramática – provavelmente por força do *timing* em que foram escritas.

Magarias foi escrito, ou começou a ser escrito, em 2010, com o propósito de recontar histórias tradicionais que são transmitidas oralmente pelos mais velhos. Uma das coisas a que mais dei importância na minha infância foram precisamente as histórias sobre feiticeiros, *pauteros* e *irans*.

Permitam-me esclarecer que o conceito de feiticeiro a que me refiro é depreciativo – é de alguém, com poderes especiais ou sobre-humanos, que faz uso desses poderes com maldade, nomeadamente, para capturar almas dos não feiticeiros para se alimentar, ou para propagar doenças aos não feiticeiros, ou para se transformar em animais perigosos. Não se admirem por que ainda há linchamentos de pessoas acusadas de feitiçaria em algumas comunidades: as pessoas temem pelas suas vidas e levam a realidade sobrenatural muito a sério. Já a noção de *pautero* é de alguém que, digamos, é *médium*, ou seja, possuidor das mesmas capacidades das de um feiticeiro, mas que as usa para a sua autodefesa ou para a defesa dos familiares. São os *pauteros*, muitas vezes, que denunciam quem é ou não um feiticeiro. E isso implica uma grande

responsabilidade – são essas pessoas que geralmente exercem as funções de curandeiro ou *djambakus* – as suas palavras são respeitadas e se acusam alguém de feiticeiro, essa pessoa é capaz de ser isolada, maltratada ou, no extremo, excluída, a toda a força, da comunidade. *Irans*, por sua vez, são seres sobrenaturais que intermedeiam as comunicações entre os *djambakuses* e os seres humanos. São deuses, numa noção menos rigorosa, pois não são encarados nos exatos termos em que Deus ou os deuses romanos, gregos ou egípcios são encarados. Os *irans* existem para resolver os problemas das pessoas, mas não há nenhuma teoria sobre a sua genealogia, funções específicas ou imposição para serem venerados. Aliás, não se adoram *irans*, pedem-se-lhes apenas para resolverem os problemas das pessoas, eles são instrumentos sobrenaturais de resolução dos problemas das pessoas.

Ora, esta realidade fascinou-me sempre, interessou-se e eu interessei-me pelas histórias que me contavam, envolvendo todo este conjunto de misticismo e crença. E foi a partir desse meu interesse que comecei a passar a escrito essas histórias. Ao contrário do que possa parecer, a abstração e a poeticidade da obra *Magarias* resultou da minha incapacidade em narrar por escrito o que se narra oralmente, ou em escrever o que apenas se sente. Mas fui tentando, fui escrevendo conto a conto – divertia-me imenso com tudo o que escrevia, pois, as pequenas alterações que introduzia, como atribuir aos personagens nomes dos meus amigos de infância, ou misturar as histórias com as coisas que efetivamente ocorrerem numa determinada comunidade – ganharam impacto literário e valeu a pena. Quando venci, com um desses contos, em 2015, o maior prémio literário do meu país, a minha editora desafiou-me a publicar um livro, eis que juntei os contos e tentei traçar uma linha reta e identitária entre todos, como se pretendesse contar uma só história a partir de várias histórias, até porque todas as histórias tinham um personagem em comum: *Magarias*. Nome do meu irmão que ainda está para me matar por ter brincado com o seu nome desta forma.

Ussu de Bissau, não teve esta vivência. Ele foi escrito em pouco mais de duas semanas. Tudo começou com um episódio marcante. Em 2017, quando conclui a minha licenciatura, voltei para Guiné, convidado para ir trabalhar para o Governo. Devo explicar que fui para Portugal, para estudar, em 2012 e não cheguei a visitar os meus familiares até concluir a licenciatura, devido às dificuldades financeiras, tendo durante esse intervalo temporal perdido a minha mãe em 2014, o meu pai em 2015 e o meu irmão em 2016, mas

também porque estava focado em cumprir os meus objetivos do momento. Por isso, quando regresssei, identificava-me com todas as histórias que me contavam, pois todas eram tocantes e profundas. Eu tentava incorporar tudo o que me contavam como se também quisesse viver a mesma realidade que eles viveram, e procurava preencher essa lacuna identitária com as conversas e desaíogos. Quis saber tudo, e nisso conheci histórias do meu sobrinho. Tinha ele apenas dois anos e meio quando a minha mãe faleceu, mas fazia e dizia cada coisa que, ao fim e ao cabo, as minhas irmãs não me sabiam contar melhor as últimas da minha mãe sem incluir o dito personagem USSU. Contaram-me que, certo dia, já nessa altura a minha mãe andava doente, estava ela sentada numa esteira a tomar a sopa que a minha irmã fez para ela. Ussu viu o cenário, puxou silenciosamente um banco e sentou-se junto dela à espera que ela lhe desse um bocado da sopa. E a minha mãe, fingindo-se de despercebida, perguntou-lhe:

“O que queres, Ussu?”

“Quero a sopa”

“Esta sopa não é para ti”

“Porquê?”

“É sopa para doentes”

“Será que se eu tomar esta sopa vou morrer?”

“É possível que sim”



E o Ussu então não disse mais nada. Levantou-se, simplesmente, pegou na tigela da sopa e foi deitar a sopa para a terra. A mãe dele atónito, perguntou-lhe:

“Porque fizeste isso, Ussu?”

E ele respondeu:

“A Nené disse que se eu tomasse a sopa podia morrer. E eu não estou doente. Imagina! Ela que está doente não pode tomar esta sopa, não achas? Pode morrer!”

Creio que a mãe dele só não lhe bateu porque ele tinha acabado de apanhar minutos antes desse acontecimento. Também aí foi porque foi brincar e sujou porcamente a sua roupa. Aliás, regressou com a roupa toda rasgada e porqueada. E a sua mãe zangada, batia-lhe enquanto lhe dava banho. No entanto, com ira e nervosismo, ela foi lhe insultando e ralhando, e, entretanto, disse para o miúdo:

“Porco!”

Ussu desata-se a rir como se não estava a ser castigado. Ela estranhou-se e perguntou-

lhe:

“O que te ris?”

E ele:

“Mas és tu a minha mãe. Se sou porco, és a mãe porca.”

Valeu-lhe a salvação, e estas histórias valeram-me um livro, que inicialmente começou por ser uma espécie de exposição de memórias e inocências da infância em África. Porque, de alguma forma, é durante essas vidas e memórias que nos tornamos quem somos, é nessa fase que nos formamos como pessoas, como produto de culturas e consciências. Escrevi um enredo de, mais ou menos, 100 páginas sobre Ussu, em poucos dias. E quando não sabia mais o que escrever, tal improficuidade que caracteriza os escritores, um dia, enquanto andava nas compras na praça de Bissau, apareceu-me, à frente, uma criança talibé a pedir-me moedas. Olhei para a criança e perdi-me nos seus olhos, como se a sua tristeza fosse um rio que deságua para um mar inatingível e a sua magreza fosse a profunda do meu próprio passado. Vi-me no seu corpo, senti-me a sua alma. A sua identidade revelou-se ali fora do tal invólucro fronteiriço que individualiza as pessoas e conheci-me naquela imagem. Entre eu e a criança não houve fronteiras, não houve barreiras impermeáveis que moldam a nossa individualidade. Eu era a criança que me veio pedir moedas e ela era eu que lhe olhava de soslaio. E andava eu a escrever memórias de uma infância em África, andava a contar histórias sobre como é ser criança em África, tentando forjar momentos de magia e encantamento que a todos de vez em quando nos tomam contentes. Andava, sobretudo, a furtar-me de mim mesmo, numa espécie de fronteira contra os meus traumas, deixando-me de lado nessa narrativa escamoteada. Fui para casa tocado e apreensivo. E percebi depois que, no momento em que os nossos olhares se cruzaram, eu tinha-me evaporado em pensamento. Não me restou pensamentos para operar tais fronteiras existenciais. Não podia mais esquivar-me dessa identidade. Não era a primeira vez na minha vida que via uma criança naquele estado, porque eu próprio, apesar de nunca ter pedido esmolas nas ruas, nunca ter passado por coisas desse género, a minha infância não foi assim tão diferente da daquela criança. Mas era a primeira vez que estava a tomar consciência da rotura ocorrida dentro de mim entre a minha consciência e a minha cultura. Algumas coisas da minha cultura já podiam ser questionadas depois dessa colisão com uma realidade externa, que fraturou a sintonia entre a minha cultura e a minha consciência. Se não tivesse estado fora do meu

país durante quase de cinco anos, o fenômeno era capaz de permanecer indiferente em mim, tal como é para a grande maioria dos africanos, da África ocidental, neste caso, incluindo os pais daquela criança. E não me seria possível incorporar-me na alma daquela criança para me conhecer melhor, pois as minhas fronteiras não me permitiriam. Há um aspeto cultural muito forte que é determinante. Aliás, que é mais um daqueles casos em se utiliza a religião para justificar incoerências, tal como ocorre na mutilação genital feminina, entre tantas outras práticas. Para essas pessoas, impera, sobretudo, o dever de ensinar aos filhos o caminho de Allha. E esse dever deve superar inclusivamente o bem-estar da criança, uma vez que o único propósito pelo qual nos encontramos neste mundo é para nos sacrificarmos por forma a obter a recompensa de Allha no além. Mas querer Deus que se sofra inutilmente? Este fenômeno requer de fato a atenção do mundo, e eu não podia ser mais um indiferente a esta situação. E talvez por isso sinto hoje que sou uma pessoa privilegiada. Por duas razões:

Primeiro, por ter aprendido tanto e sempre por caminhos menos difíceis. Caminhos que me estão a tornar num contador de histórias. E histórias que me permitem libertar-me dos meus fantasmas e dos meus traumas. Histórias que me dão identidade.

Segundo, por ter tido a oportunidade de publicar esta obra. Reparem que é difícil ser escritor, sobretudo, numa era em que todas as pessoas escrevem bem, outras até melhor que os que se armam em escritores, como é o meu caso, e pior, numa era em que a informação é quase respirada, tal a sua profusão. Mas, apesar disso, conseguir publicar e conseguir juntar pessoas, à volta da causa que abraçamos, é um grande privilégio, diria que é uma honra e eu só tenho que ser grato e continuar a lutar.

Qual é afinal o papel da religião? Tradicionalmente, os guineenses praticam uma forma de animismo, de essência espiritual. No início do século XXI, muitos se converteram ao islamismo, que hoje se diz ser praticado por 50% da população do país. Qual é o motivo?

Houve, de fato, a conversão em massa de algumas comunidades não muçulmanas na Guiné entre 2008 e 2009. Mas esse fenômeno, apesar de amplamente noticiado, não altera o quadro religioso do país. Não tenho dados, mas não acredito que os muçulmanos constituam 50% da população. Até porque há uma coisa que é preciso frisar. A Guiné é composta por um mosaico de mais de 30 etnias, todas com crenças, tradições, idiomas e hábitos próprios, mas também ligadas ao cristianismo ou islamismo. Ou seja, os que não

se identificam com o cristianismo são muçulmanos, e, desse mosaico, apenas quatro etnias são islamizadas, as demais foram evangelizadas e são cristãs. Portanto, os cristãos são a larga maioria, com um outro dado curioso. As etnias evangelizadas, são, sobretudo, as que conservaram as características animistas, com a devoção aos *irans*, às cerimônias típicas e aos poderes tradicionais e institucionais. As etnias islamizadas ganham relevo, sobretudo, porque propagam além do território da Guiné-Bissau. Encontramos fulas e mandingas, expressivamente representados, em qualquer um dos países do ocidente africano: Senegal, Mali, Guiné-Conacri, Gambia, Costa do Marfim, Serra Leoa, Benim, Libéria e por aí vai. Este é o preciso facto que sustenta o fenómeno transfronteiriço das crianças talibés, levando os pais, com base em fé e dever da religião, a confiarem o envio dos seus filhos para escolas fora do país, cuja realidade desconhecem na totalidade.

O livro *Magarias* passa-se num mundo extraordinário, pouco acessível para um leitor europeu. É um conjunto de contos integrados numa história ficcionada que retrata as superstições, o ocultismo, as crenças, os ritos e as peculiaridades tradicionais de uma “África igual”, independentemente do país que tenhamos como ponto de partida. Importas-te de nos explicar até que ponto é possível falar de uma África igual, uniforme?

Creio que não será assim tão difícil falarmos de uma África de aproximação cultural, para não ousar o exagero da uniformidade, atendendo àquilo que referi há pouco em relação aos mosaicos étnicos, mas também ao facto de, apenas na segunda metade do século XIX, foram criadas fronteiras territoriais, pelos europeus, que não refletem as fronteiras culturais. Dando exemplo da Guiné e dos países vizinhos, temos os fulas com primos no Senegal ou na Gâmbia que nunca se conheceram, ou com tios na Guiné-Conacri ou na Costa do Marfim na mesma situação. Aliás, há ainda casos mais caricatos. Há um povo que, junto à fronteira norte da Guiné com o Senegal, envolvendo ainda a Gâmbia, é incapaz de levar em consideração as fronteiras dos países. As suas instituições tradicionais, neste caso, os régulos, as famílias, as suas cerimônias e, sobretudo, a língua são comuns independentemente do país da sua residência. Ou seja, se os territórios estaduais dividem as nações e as pessoas, as culturas e respectivas ligações são transversais aos Estados, apesar da diversidade e multiplicidade das mesmas culturas. Encontras tantos manjacos numa região da Guiné, tanto quanto na

capital do Senegal. E o manjaco de Dacar realiza as mesmas cerimônias fúnebres, por exemplo, as tocantes ao chamado “Djonghago” nas exatas formas dos demais. O fula de *La Guiné* celebra o casamento da mesma forma da celebração dos demais do Mali.

Vives há mais de seis anos em Portugal. Interessava-me conhecer a tua experiência em relação à Europa. A perspectiva de um africano perante a Europa, bem como a perspectiva – quiçá modificada – perante o teu país?

A modificação existe e não é diminuta. A minha vinda para Europa ajudou-me, inclusivamente, a conhecer melhor a minha própria realidade. Passei a olhar de forma diferente para a minha realidade e consegui saber distinguir as práticas que colidem com a dignidade da pessoa humana e aquelas que, de fato, são importantes manter e requerem uma segura difusão, devido à sua peculiaridade. Nós somos frutos da nossa cultura, e só conseguimos saber o que somos quando somos confrontados com outras culturas, e quanto mais confrontos, mais nos conhecemos. Penso ainda que nos melhoramos, enquanto seres humanos, se nos abrimos para diferentes realidades, pois todas as culturas são monofocais, e nós temos cinco sentidos para dar devido uso.

O que te motivou a ser escritor? Houve um acontecimento específico, uma pessoa, uma influência que te levou à escrita?

O que me levou a ser escritor foi, sobretudo, a paixão pela língua portuguesa. Devo explicar que a língua materna (corrente e transversal entre todos) na Guiné é o crioulo – além dos idiomas étnicos que também são falados nos círculos familiares – e o sistema do ensino é fraco, não permitindo a nenhum guineense, com base apenas no que aprende nas escolas públicas, ter algum domínio do português. E há, para piorar, um complexo em relação às pessoas, guineenses, que gostam de aprender a falar português: são tidos como achados e arrogantes. Eu aprendi, seriamente, o português no décimo ano da escolaridade, quando, em Bissau, comecei a frequentar as oficinas em língua portuguesa, que era um projeto do Instituto Camões, curiosamente – o PASEG: Programa de Apoio ao Sistema de Ensino Guineense – onde trabalhava como colaborador não remunerado. Não era remunerado, mas, em compensação, podia frequentar gratuitamente os vários cursos do português e tinha contacto permanente com livros e professores portugueses. Esse ambiente ajudou muito, até porque tinha essa orientação dos professores portugueses, que aceitavam corrigir os meus textos e incentivaram-me sempre.

Como é que se enquadram os teus livros no panorama da literatura guineense? É possível dizer que há características típicas ou temas específicos da literatura guineense?

Não te sei responder a isso. Há poucos escritores na Guiné. Há um que sobressai sobremaneira, porque tem mais obras publicadas e é traduzido em várias línguas: o Abdulai Sila, que, curiosamente, é engenheiro formado aqui na Alemanha. Depois da independência do país, em setembro de 1973, o país foi governado por um regime que também não facilitava a produção literária, e isso, de alguma forma, retardou um pouco o crescimento da literatura no país. A maneira mais eficaz que se encontrou para emancipar a literatura foi, sobretudo, através dos poemas, muitos deles não editados por falta de condições e diversificação. Obras em prosa, só nos últimos dez anos é que passamos a ter através da publicação de um ou dois livros por ano, para teres uma noção da dimensão reduzida da coisa. Antes desta década, era capaz de se passar dois ou três anos sem nenhuma publicação. Por isso, por a nossa literatura ainda não ganhar afirmação e identidade próprias, não te sei dizer quais as suas características, muito menos onde me enquadro.

De que maneira é que vês a visibilidade da literatura africana dentro da literatura lusófona? Achas que, p. ex., o Camões como Instituto da Cooperação e da Língua Portuguesa, devia tomar medidas específicas para tornar mais visível a literatura africana?

Vejo a literatura africana como uma serpente de várias cabeças, que pode dirigir em diversos sentidos. Ou seja, a África, por ser tão diversificada e tão multifacetada, é ferramenta perfeita para a literatura, em todos os sentidos. Dentro do contexto globalizado e dos temas do mundo, os escritores africanos têm muito a dar: desde exposições sobre a corrupção, teorias da conspiração que envolvem organismos multinacionais e internacionais, os novos modelos de domínio e subjugação que vieram substituir a colonização, as alterações climáticas e seus impactos, a preservação de espécies e do ambiente, e por aí. Mas também, a África dá ferramentas específicas para a literatura que mais nenhum outro continente dará tão profundamente. Precisamente a sua diversidade cultural, as diversas línguas oficiais que encobrem o seu mosaico idiomático, a luta pela sobrevivência e a solidariedade do seu povo. Vejo, portanto, em África uma fonte inesgotável para a literatura, quer em língua portuguesa como em francês ou inglês. E

transpor toda essa potencialidade para o mundo lusófono é tornar a lusofonia ainda mais rica. Eu acredito que há de chegar o dia em que a globalização se fará pelo domínio cultural e científica e não pelo domínio econômico e político. Sabes quando é que isso acontecerá? Quando a corrupção for combatida.

Portanto, o Camões, de alguma forma, já dá esse contributo a que te referes, não só pelo prêmio camões que todos conhecemos (mas que sabemos que é insuficiente e abrange um conjunto muito limitado de potencialidades), como pelos espaços de iniciativas culturais que promove nos diversos centros onde é representado. O que se quer é mais iniciativas iguais aos do Camões, dos vários países e várias organizações quer de expressão portuguesa, como os demais. É preciso fazer mais e todos sairemos a ganhar. Aliás, devo frisar que eu sou fruto do contributo do Camões e dos seus projetos, foi graças a Camões que desenvolvi o meu português e ganhei gosto pela escrita.

Um facto largamente desconhecido é que a Guiné-Bissau tem uma forte relação com Cabo Verde. De que forma e em que medida?

Para já, em todas as lutas de libertação, em mais lado nenhum, dois países se juntaram para lutar pela sua libertação. A Guiné e Cabo-Verde fizeram uma luta conjunta contra a colonização portuguesa, sob a orientação de um mesmo líder: Amílcar Cabral, fundador do PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde. Só isso explica muito esse laço de afinidade entre os dois povos. Mas há mais. Os dois têm como língua corrente (a língua do dia a dia das pessoas) o crioulo, com pequenas diferenças, mas que se percebem e comunicam. Dados históricos dizem que o crioulo de Cabo-Verde deriva do da Guiné, como, aliás, o próprio povo é resultado dessa proveniência, em consequência dos muitos escravos que faziam escala em Cabo-Verde antes do seu transporte para outros continentes. Hoje, Cabo-Verde ganhou uma estabilidade política e econômica que a Guiné ainda não conseguiu, e passou a desempenhar um papel fundamental na mediação das várias crises políticas no meu país. Os laços, de fato, são fortes, e refletem-se nos vários intercâmbios, desportivos, culturais, musicais, artísticos e comerciais que os respectivos povos realizam com frequência. Não conheço Cabo-Verde, mas tenho um sonho de o conhecer e de lá apresentar os meus trabalhos literários e visitar os meus bons amigos cabo-verdianos.

Quais são os teus próximos planos?

Continuar a escrever.

Entrevista: Rosa Rodrigues, Representante do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua da Universidade de Heidelberg

Glossário:

PALAVRA	SIGNIFICADO
<i>pautero</i>	próximo do conceito de mediunidade; ser humano com visão apurada, capaz de manter comunicações com seres sobrenaturais.
<i>iran</i>	ser sobrenatural
<i>djambaku</i>	um adivinho, um curandeiro ou um profissional de ocultismo
<i>fula</i>	povo islamizado que habita terras da África Ocidental, especialmente no Níger, Mali, Nigéria, Guiné e Camarões
<i>mandinga</i>	povo de religião predominantemente maometana, que vive na parte Norte da África ocidental
<i>régulo</i>	alta autoridade da tabanca
<i>manjaco</i>	tribo da Guiné Portuguesa
<i>Djonghago</i>	cerimônia praticada pelo grupo étnico manjaco que visa a revelação das causas místicas da morte de alguém

Recebido em: 12/05/2021

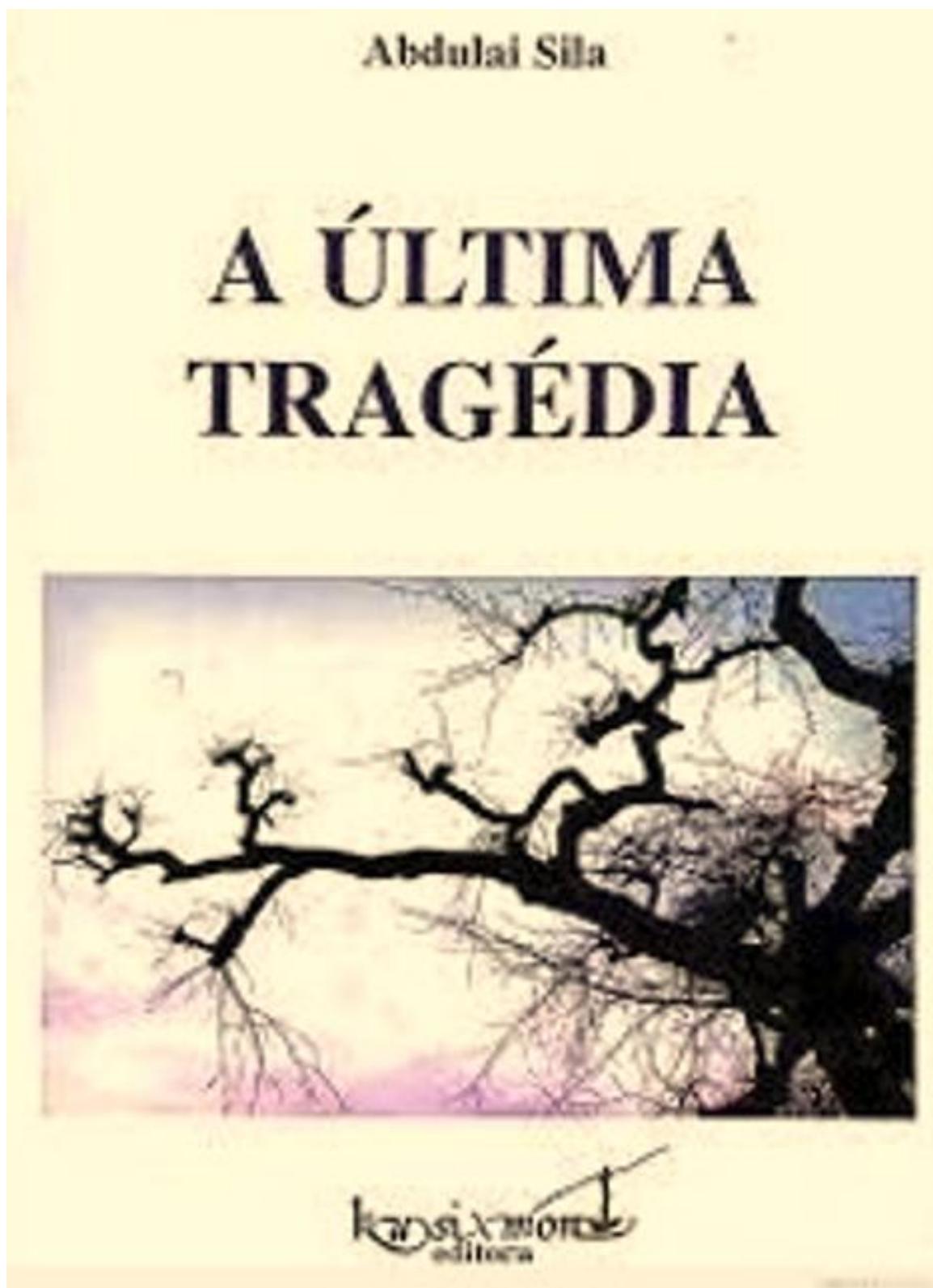
Aceito em: 14/09/2021

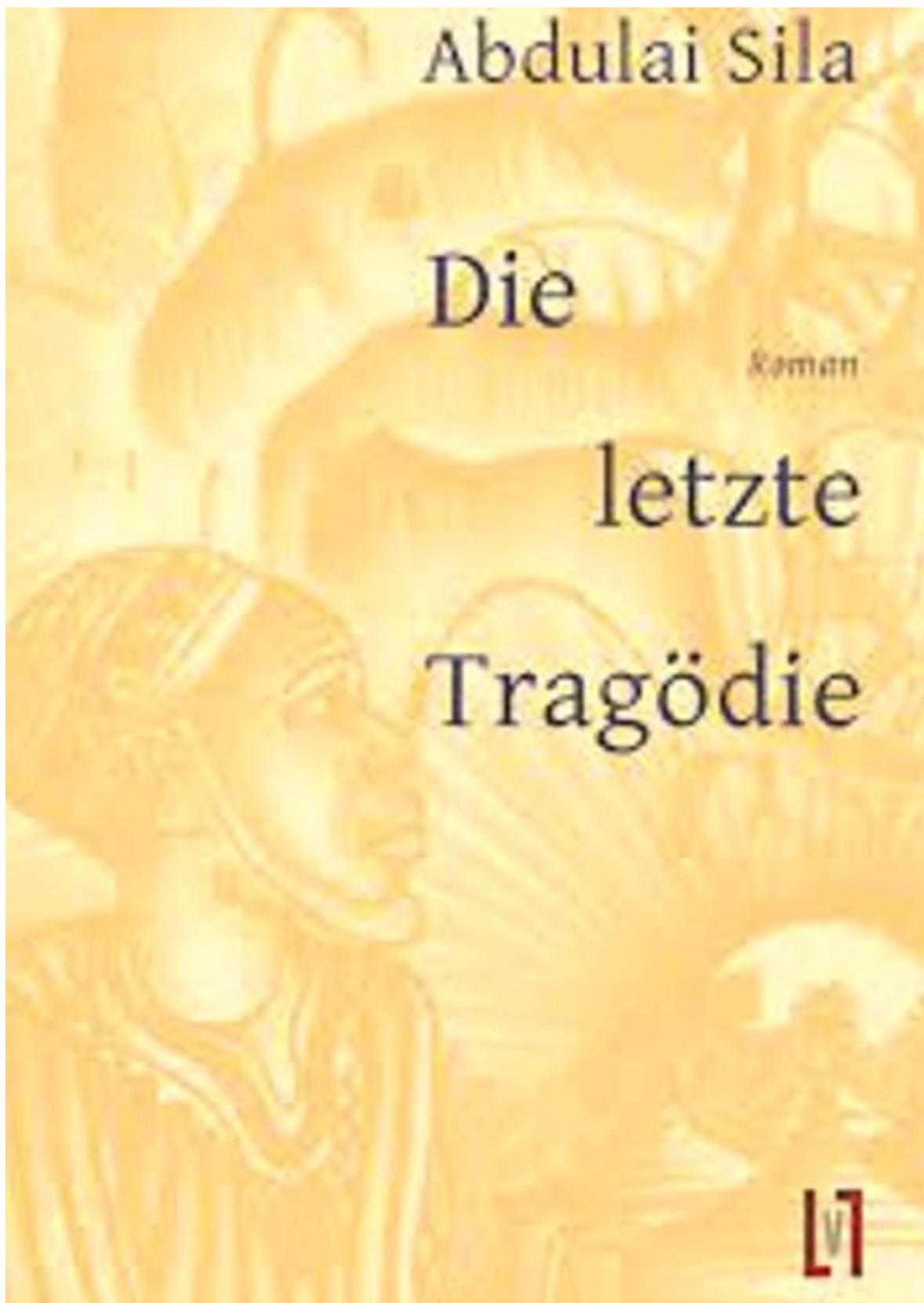
Para citar este texto (ABNT): RODRIGUES, Rosa . Os escritores africanos têm muito a dar: entrevista com o escritor guineense. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.386-403, jul./dez. 2021.

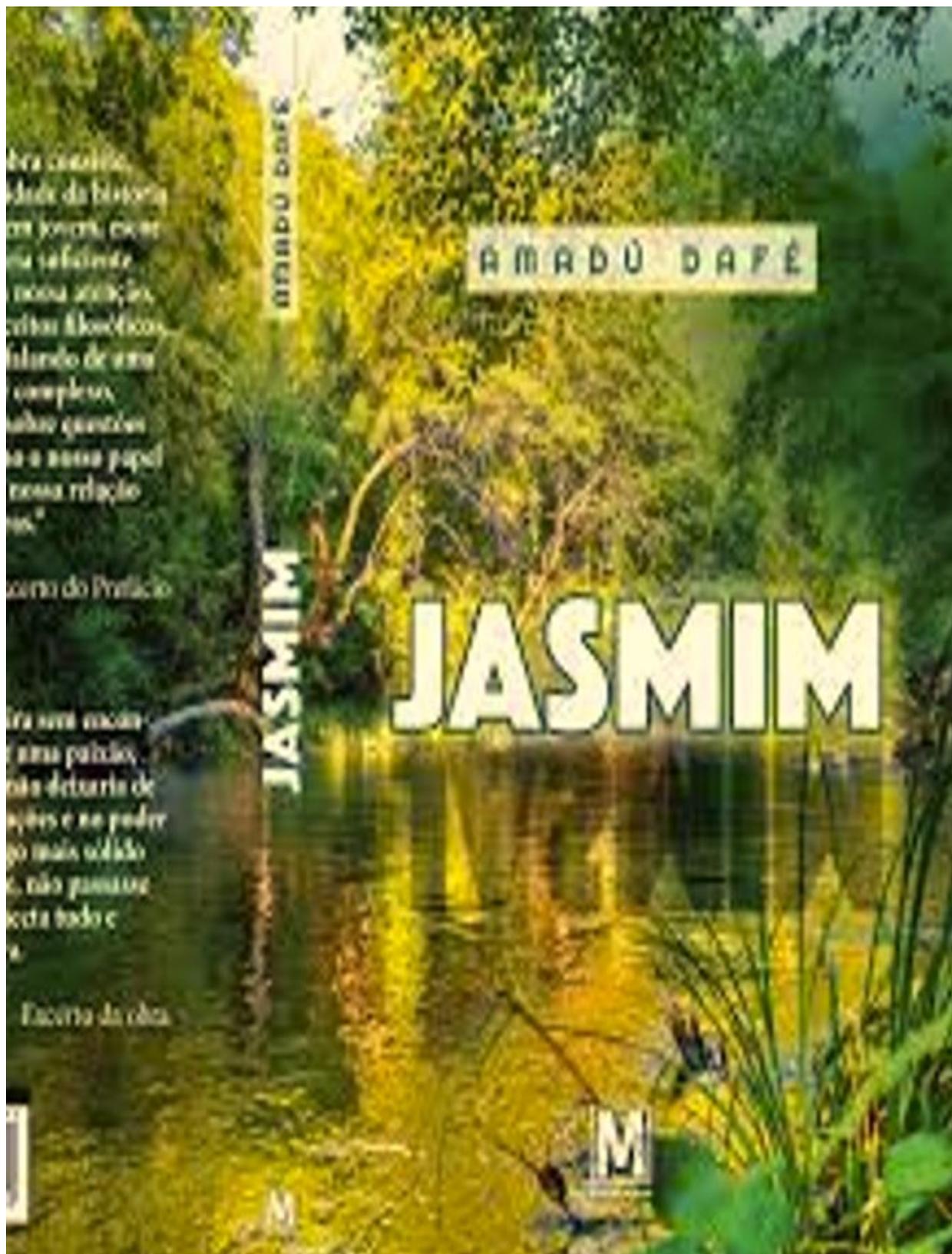
Para citar este texto (APA): RODRIGUES, Rosa. (jul./dez. 2021). Os escritores africanos têm muito a dar: entrevista com o escritor guineense. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(2): 386-403.

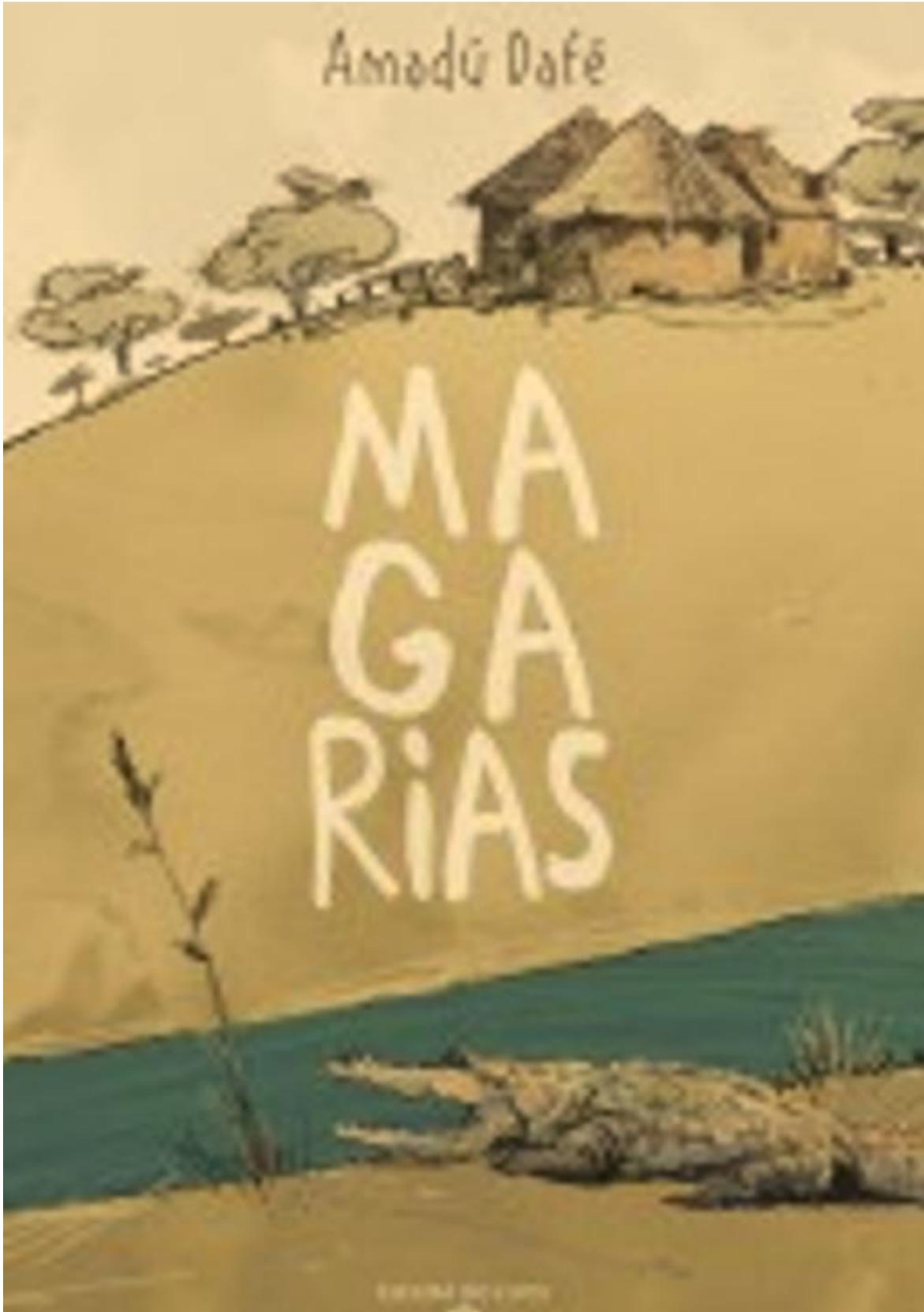
Capas dos Livros de Abdulai Sila

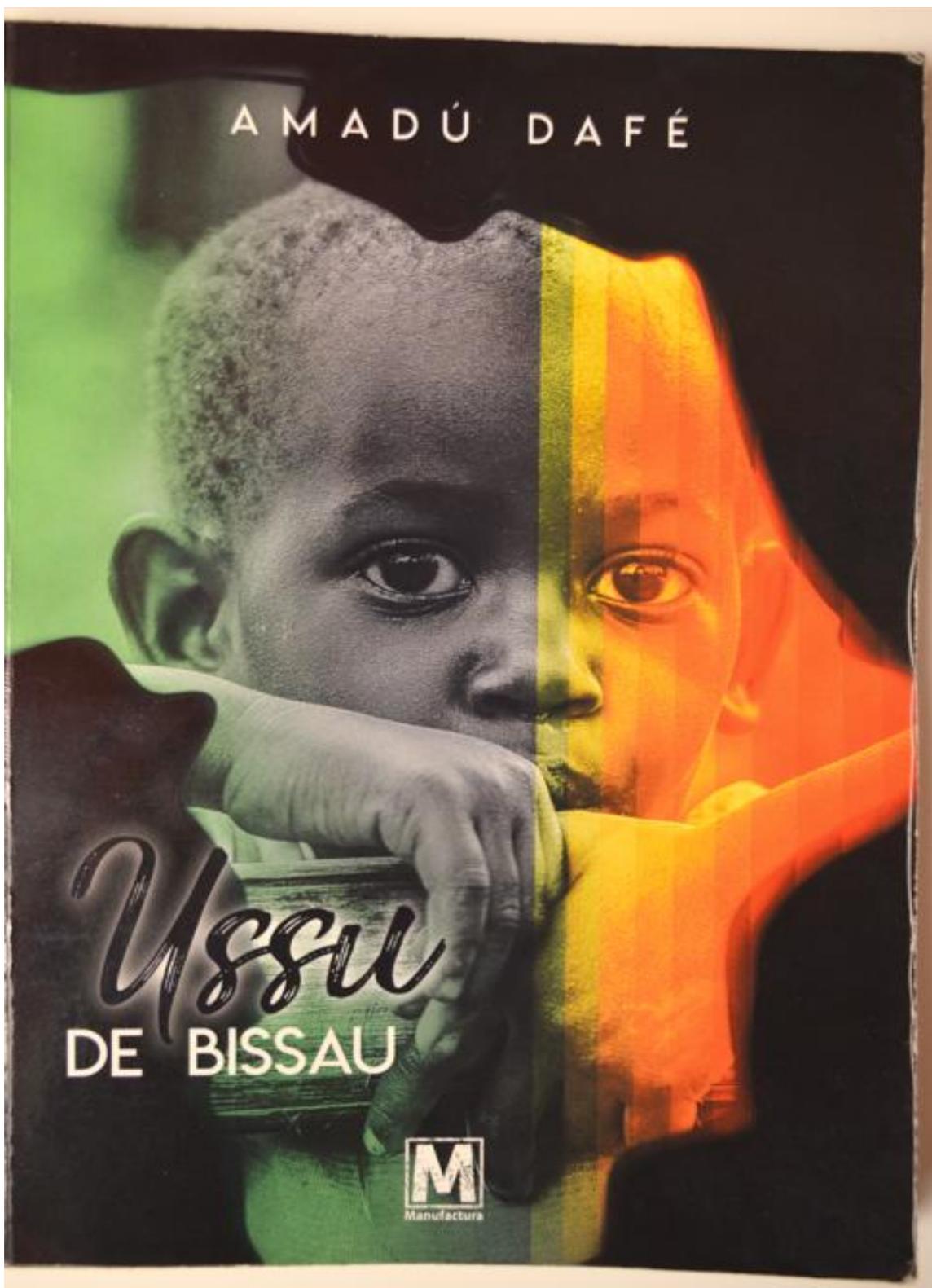












Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>